

A CHUVA NESSE LUGAR

THE RAIN IN THIS PLACE

Elias da Silva¹

É de um lugar único, de lugares comuns, que quero falar. Lugar único, mas que também, como qualquer outro, é atingido pelos fortes raios solares, aliás, raios fortes, muito fortes, parecendo mais quentes que qualquer lugar intertropical próximo à linha do Equador. Trata-se de um lugar de características vegetativas, pedológicas, topográficas, hidrográficas de cerrado, bioma encravado mais ao fim da área central do Brasil, meio próximo a leste, meio próximo ao centro sul do norte, meio próximo ao norte do centro oeste, enfim, um lugar único, mas, também genérico do mundo, conforme nos ensina a geografia em sua tradição teórica da cultura francesa: há lugares genéricos e lugares únicos e há lugares únicos ou singulares na generalidade do globo terrestre. Nesse lugar único chove muito, também chove pouco, às vezes finge que vai chover, dependendo da estação do ano.

Nesse lugar, quando a chuva chove esburaca facilmente as ruas de solo arenoso e sem asfalto com qualquer grau de declividade. É chuva que também corre como rios nas ruas com asfalto, na ausência de galerias pluviais e saneamento, escorrendo ladeira a baixo em extensões que parecem quilômetros, como numa exposição de feridas superficiais da pele de um corpo que a geomorfologia contempla como pontos de erosões em ravinas, voçorocas e até crateras. Precisa para isso de apenas poucos minutos, vinte ou trinta talvez, característica típica das fortes formações chuvosas nesse lugar, cuja impressão sugere ter havido evento chuvoso de longa duração.

É chuva que às vezes acontece de manhãzinha como num ato de acordar esse lugar/cidade num banho matinal tão caro aos seres humanos em seu cotidiano, estendendo sobre ela como se fosse um lençol umedecido para uma manhã molhada.

Às vezes estende-se só pela manhã, às vezes, num banho que se estende até à tarde se repetindo após o almoço. Também pode ser que caia à tarde devido à evaporação causada pelo calor após a chuva matinal. Mas nesse lugar pode vir somente entre meio-dia e duas da tarde e depois, como num grande manto cinza, cobrindo o céu em todos os horizontes, entrando noite

¹ Docente do Curso de Geografia da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFT), onde atua também no Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCult). E-mail: esilvageo@uft.edu.br

adentro escondendo a lua e as estrelas, numa atmosfera noturna suspirando melancolia, porém, num ar de frescor convidativo ao sono numa noite embaixo dos lençóis ou então, para os menos calorentos, convidativa à proteção e conforto do cobertor.

Pode chover dia e noite sem parar e, quando para, produz a tão conhecida névoa matinal de uma duas ou três horas, no máximo, oferecendo a sensação de uma viagem entre nuvens no voo de avião, em pleno solo.

Pode ou não oferecer exuberância em relâmpagos e trovoadas indicando a enorme carga elétrica acumulada na atmosfera, numa demonstração do potencial e majestoso poder de destruição e ataque mortal principalmente para os desavisados ou ignorantes, ou supostos corajosos, expostos a céu aberto. E quando chove, rega o solo esponjoso dos locais de nascentes, aliás, um grande número delas ainda existe: algumas ainda livres, para jorrar seus cursos, alimentando desde microbacias locais até macro bacias hidrográficas regionais. Outras, infelizmente, espremidas no meio das várias formas de ocupações humanas desse lugar.

É chuva que alimenta também os vários cultivos humanos: pastagens, hortas, plantações de milho, arroz, feijão, mandioca, frutas. Alimenta o lençol freático desse lugar com água de ótima qualidade, porém, ameaçada pela ocupação humana e desordenada do solo.

É chuva que, quando vai embora, na sua alternância de estação do ano, parece castigar na sua ausência, transformando a paisagem e o ar ressecados, como combustíveis às queimadas praticadas na limpeza de quintais, pastagens, e terrenos baldios, ou matas ciliares. A falta provoca a secura da vegetação, cuja queima impensada pune a população com doenças respiratórias, engrossando as fileiras dos atendimentos públicos de saúde nos hospitais. Parece castigar a população, deixando sua atmosfera suja de fumaça, de julho a mais ou menos novembro, exalando cheiro de ar enfumaçado, ardido e quente, na impressão de que o próprio oxigênio também resolveu dar um tempo para se reabastecer de si mesmo em outro lugar e até mesmo aquele horizonte que nos leva a imaginar o sol não conseguindo impor-se em seu brilho com ar límpido e saudável.

Nesse intervalo, anuncia seu recomeço no próximo período, entre novembro e abril, cujo ápice é marcado pelos meses de janeiro a março, repetindo, assim, todas as façanhas e mistérios. Quando então novamente chove nesse lugar, ressurgem em todo seu significado e características referentes à vida novamente escrevendo a sua singularidade.

É chuva como benção sobre muitos, que deverão, no máximo, visualizar sua aparência, os relâmpagos, os sons dos trovões e continuarão esperando até que outra nuvem de chuva se forme distante a leste, podendo, assim, contar com esta dádiva.

Raras vezes, vem ela do sudeste e do sul lá pelo fim de abril e início de maio, às vezes se perde em seu caminho, em poucos chuviscos, ou parecendo querer se desviar para o norte, parecendo confusa e perdida numa cidade ou floresta, mas, como alguém que se encontra novamente, da próxima vez, retomará sua direção costumeira leste/oeste como numa celebração ritual perpetuada ao longo do tempo na máxima climática regional que esse lugar compõe.

A chuva que vem do leste, formada da combinação de massas de ar e ventos diferentes, é assim a força que molha, dá vida e sentido de vida a este lugar geograficamente singular, nominalmente instituído, denominado Araguaína.

Recebido em 10 de fevereiro de 2021.

Aceito em 04 de junho de 2021.